 Tempo de leitura: 12 min.

(continuação do artigo anterior)

1. O exercício da boa morte nas instituições salesianas e a tradição secular das *Praeparationes ad mortem [Preparações para a morte]*

Desde os primórdios do Oratório fundado em Valdocco (1846-47), Dom Bosco propôs aos jovens o exercício mensal da boa morte como meio ascético destinado a estimular – mediante uma visão cristã da morte – uma atitude constante de conversão e de superação dos limites pessoais e a assegurar, mediante uma confissão e uma comunhão bem feitas, as condições espirituais e psicológicas favoráveis para um frutuoso caminho de vida cristã e para a construção das virtudes, em dócil cooperação com a ação da graça de Deus. Naquela época, a prática era feita na maioria das paróquias, instituições religiosas e educativas. Para o povo, era o equivalente ao retiro mensal. Nos Oratórios Salesianos, era realizado no último domingo de cada mês e consistia, como lemos na *Regulamento*, "em uma cuidadosa preparação, a fim de fazer uma boa confissão e comunhão, e alcançar as coisas espirituais e temporais, como se estivéssemos no fim da vida".[1]

O exercício tornou-se prática comum em todas as instituições educativas salesianas. Nos colégios e internatos, era realizado no último dia do mês, em comum entre educadores e meninos.[2] As próprias Constituições Salesianas, desde o primeiro esboço, estabeleceram a sua normatividade: "O último dia de cada mês será um dia de retiro espiritual, no qual, deixando, na medida do possível, os assuntos temporais, cada um se recolherá em si mesmo, fará o exercício da boa morte, arrumando as coisas espirituais e temporais, como se fosse deixar o mundo e partir para a eternidade".[3]

O procedimento era simples. Os rapazes, reunidos na capela, pronunciavam comunitariamente as fórmulas propostas no *Jovem Instruído*, que forneciam o significado espiritual e teológico essencial da prática. Em primeiro lugar, a oração do Papa Bento XIII era recitada "para implorar de Deus a graça de não morrer de morte súbita" e para obter, por meio dos méritos da paixão de Cristo, não ser levado "de qualquer forma deste mundo", de modo a ainda ter um adequado "espaço de penitência" e se preparar para "uma passagem feliz e em graça [...], para que eu vos ame [Senhor Jesus] de todo o meu coração, vos louve e vos bendiga para sempre". Em seguida, era lida a oração a São José para implorar "o pleno perdão" dos pecados, a graça de imitar suas virtudes, de andar "sempre pelo

caminho que leva ao céu” e de ser defendido “dos inimigos da alma nesse último momento da vida; de modo que, confortado pela doce esperança de voar [...] para possuir a glória eterna no Paraíso, possa expirar pronunciando os santíssimos nomes de Jesus, José e Maria”. Finalmente, um leitor enunciava a ladainha da boa morte, a cada uma das quais se respondia com a jaculatória “Ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim”.[4] O exercício devocional era seguido pela confissão pessoal e pela comunhão “geral”. Eram convidados confessores “extraordinários” para a ocasião, para que todos tivessem a oportunidade e a plena liberdade de resolver questões de consciência.

Os religiosos salesianos, além das orações recitadas em comum com os alunos, faziam um exame de consciência mais articulado. Em 18 de setembro de 1876, Dom Bosco explicou aos discípulos como torná-lo frutuoso:

“Será útil comparar mês a mês: tive proveito neste mês, ou houve regressão em mim? Depois, descer aos detalhes: nesta virtude, e nas outras, como me comportei?

E, especialmente, se faça uma revisão sobre o que constitui o tema dos votos e das práticas de piedade: com relação à *obediência*, como me comportei? Progredi? Por exemplo, fiz a assistência que me foi confiada? Como a fiz? Como me empenhei naquela aula? Quanto à *pobreza,* seja em roupas, alimentos, celas, tenho algo que não seja pobre? Fui guloso? Reclamei quando me faltava algo? Em seguida, quanto à *castidade*: não dei origem em mim mesmo a maus pensamentos? Afastei-me cada vez mais do amor dos parentes? Mortifiquei-me na gula, nos olhares etc.?

E, assim, repassar as *práticas de piedade* e observar especialmente se houve alguma tibieza, se as práticas foram feitas sem entusiasmo.

Esse exame, seja mais longo ou mais breve, deve ser feito sempre. Como há várias pessoas que têm ocupações das quais não podem se eximir em nenhum dia do mês, será lícito manter essas ocupações, mas que cada um, naquele dia, faça seu próprio exame de consciência [de modo] para realizar essas considerações e tomar boas resoluções especiais”.[5]

O objetivo, portanto, era estimular o monitoramento regular da própria vida em uma função perfectiva. Essa função primordial de estimular e apoiar o crescimento virtuoso explica por que Dom Bosco, na introdução às Constituições, chegou a afirmar que a prática mensal da boa morte, juntamente com os exercícios espirituais anuais, constitui “a parte fundamental das práticas de piedade, aquela que, de certo modo, engloba todas elas”; e concluiu dizendo: “Creio que se pode dizer que a salvação de um religioso está garantida se todos os meses ele se

aproxima dos Santíssimos Sacramentos e ajusta a situação de sua consciência, como se tivesse de partir desta vida para a eternidade”.[6]

Com o tempo, o exercício mensal foi aperfeiçoado, como lemos em uma nota inserida nas Constituições promulgadas pelo padre Miguel Rua após o 10º Capítulo Geral:

“a. O exercício da boa morte deve ser feito em comum e, além do que prescrevem as nossas Constituições, deve-se ter em mente estas regras: I) Além da meditação habitual pela manhã, deve-se fazer novamente meia hora de meditação à noite, e essa meditação deve versar sobre algum novíssimo; II) Deve-se fazer uma revisão mensal da consciência, e a confissão desse dia deve ser mais acurada do que a habitual, como se de fato fosse a última da vida, e a Santa Comunhão deve ser recebida como viático. III) Depois da missa e das orações habituais, recitem-se as orações indicadas no manual de piedade; IV) Reflita-se, pelo menos durante meia hora, no progresso ou na regressão que se fez na virtude durante o mês passado, especialmente no que diz respeito aos propósitos feitos nos exercícios espirituais, na observância das Regras, e tomem-se resoluções firmes para uma vida melhor; V) Leiam-se neste dia todas, ou pelo menos parte, das Constituições da Pia Sociedade; VI) Também será bom escolher um santo padroeiro para o mês que está prestes a começar.

b. Se alguém não puder, por causa de suas ocupações, fazer o exercício da boa morte em comum, nem realizar todas as obras de piedade acima mencionadas, deverá, com a permissão do Diretor, cumprir apenas aquelas que forem compatíveis com suas ocupações, adiando as outras para um dia mais conveniente”.[7]

Essas indicações revelam a substancial continuidade e harmonia com a tradição secular da *preparatio ad mortem* amplamente documentada pela produção de livros desde o início do século XVI. Os apelos evangélicos para uma espera vigilante e operativa (cf. Mt 24,44; Lc 12,40), para manter-se preparado para o julgamento que determinará o destino eterno entre os “bem-aventurados” ou os “malditos” (Mt 25,31-46), juntamente com a admoestação quaresmal “*Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris*” *[lembra-te, ó homem, que és pó e ao pó voltarás]*. Ao longo dos séculos, estas práticas alimentaram constantemente as considerações dos mestres de espírito e dos pregadores, inspiraram representações artísticas, traduziram-se em rituais, práticas devotas e penitenciais, sugeriram propósitos e anseios amorosos de comunhão eterna com Deus. Também despertaram temores, ansiedades e, às vezes, angústias, de acordo com as sensibilidades espirituais e as visões teológicas das várias épocas.

As sábias reflexões sapienciais do *De praeparatione ad mortem* de Erasmo e de outros humanistas,[8] imbuídas de um espírito evangélico genuíno, mas tão eruditas que pareciam exercícios retóricos, gradualmente deram lugar, entre o século XVII e o início do século XVIII, às exortações morais dos pregadores e às considerações morais dos espiritualistas. Um opúsculo do Cardeal João Bona afirmava que a melhor preparação para a morte é a remota, realizada por meio de uma vida virtuosa na qual se exercita diariamente para morrer a si mesmo e a fugir de todas as formas de pecado, para viver de acordo com a lei de Deus em comunhão de oração com ele;[9] recomendava a oração constante para obter a graça de uma morte feliz; sugeria dedicar um dia por mês para se preparar para a morte no silêncio e na meditação, purificando a alma com uma "confissão diligente e dolorosa", após um exame cuidadoso do próprio estado, e aproximando-se da Comunhão *per modum Viatici [como se fosse o Viático]*, com intensa devoção;[10] em seguida, convidava as pessoas a terminar o dia imaginando-se em seu leito de morte, no seu último momento:

"Renovarás atos mais intensos de amor, agradecimento e de desejo de ver a Deus; pedirás perdão por tudo; dirás: «Senhor Jesus Cristo, nesta hora de minha morte, coloca tua paixão e morte entre teu julgamento e minha alma. Pai, em vossas mãos entrego meu espírito. Ajudai-me, santos de Deus, apressai-vos, ó anjos, para sustentar minha alma e a oferecê-la diante do Altíssimo» [...]. Depois imaginarás que tua alma está sendo levada ao terrível julgamento de Deus e que, pelas orações dos santos, tua vida seja prolongada para que possas fazer penitência: então, propondo-te com afinco a viver mais santamente, no futuro te considerarás e te comportarás como morto para o mundo e vivendo apenas para Deus e para a penitência".[11]

João Bona encerrou sua *Praeparatio ad mortem* com uma aspiração devota centrada no anseio pelo Paraíso, permeada por intensa inspiração mística.[12] O cardeal cisterciense havia sido aluno dos jesuítas. Foi deles que ele tirou a ideia do dia mensal de preparação para a morte.

A meditação sobre a morte era parte integrante dos exercícios espirituais e das missões populares: a morte é certa, o momento de sua chegada é incerto. Devemos estar preparados porque, quando ela chegar, Satanás multiplicará seus ataques para nos arruinar eternamente: "Qual a consequência então? [...] Praticar bons hábitos agora, durante a vida. Não me contentar apenas em viver na graça de Deus, nem permanecer um só momento no pecado; mas viver habitualmente uma vida tal que, pelo exercício contínuo de boas obras, no último momento o Demônio

não consiga me perder por toda a eternidade”.[13]

A partir do século XVII e durante todo o século XVIII, os pregadores enfatizaram a importância do tema, modulando suas reflexões de acordo com as sensibilidades do gosto barroco, com forte acentuação dos aspectos dramáticos, sem, contudo, desviar a atenção dos ouvintes do essencial: a aceitação serena da morte, o chamado à conversão do coração, a vigilância constante, o fervor nas obras virtuosas, a oferta de si mesmo a Deus e o anseio pela eterna comunhão de amor com ele. Gradualmente, o exercício da boa morte assumiu uma importância cada vez maior, até se tornar uma das principais práticas ascéticas do catolicismo. O modelo de como ele deveria ser realizado é oferecido, por exemplo, em um opúsculo do século XVII de um jesuíta anônimo:

“Escolhei um dia em cada mês dos mais livres de todos os outros afazeres, no qual devereis, com especial diligência, dedicar-vos à Oração, à Confissão, à Comunhão e à Visita ao Santíssimo Sacramento.

A Oração desse dia terá que ser de duas horas em duas vezes: e o assunto dela pode ser o que mencionaremos. Na primeira hora, concebei da forma mais vívida possível o estado em que vos encontrareis quando já estais morrendo [...]. Considerai o que gostaríeis de ter feito ao morrer, primeiro em relação a Deus, segundo em relação a vós mesmos e terceiro em relação ao próximo, envolvendo nessa meditação vários afetos fervorosos de arrependimento, propósitos e pedidos ao Senhor, a fim de implorar dele o poder de vos converterdes. A segunda Oração terá como tema os motivos mais fortes que podem ser encontrados para aceitar voluntariamente de Deus a própria morte [...]. Os afetos dessa Meditação serão uma oferta da própria vida ao Senhor, um protesto de que, se pudéssemos prolongá-la, além de seu divino beneplácito, não o faríamos; um pedido para oferecer esse sacrifício com aquele espírito de amor que exige o respeito devido à Sua amorosíssima Providência e disposição.

A vossa confissão deve ser feita com mais diligência e como se fosse a última vez que vos lavareis no preciosíssimo sangue de Jesus Cristo [...].

A comunhão, também, deve ser feita com uma preparação mais extraordinária, como se estivésseis comungando como Viático, adorando aquele Senhor que esperais adorar por toda a eternidade; agradecendo-lhe pela vida que vos concedeu, pedindo-lhe perdão por tê-la gasto tão mal; oferecendo-vos prontamente para terminá-la, porque ele assim o deseja, e, finalmente, pedindo a graça de que vos assista nesse grande passo, para que vossa alma, apoiada em seu Amado, possa passar em segurança deste deserto para o Reino”.[14]

O compromisso de difundir o exercício da boa morte não limitava as

considerações dos pregadores e diretores espirituais ao tema dos novíssimos, como se quisessem basear o edifício espiritual apenas no medo da eternidade maldita. Esses autores conheciam os danos psicológicos e espirituais que a ansiedade e a angústia sobre a própria salvação produziam nas almas mais sensíveis. As coleções de meditações produzidas entre o final do século XVII e meados do século XVIII não só insistiam na misericórdia de Deus e no abandono nele, para conduzir os fiéis ao estado permanente de serenidade espiritual próprio daqueles que integraram a consciência de sua própria finitude temporal numa sólida visão de fé, mas também abrangiam todos os temas da doutrina e da prática cristã, da moral privada e pública: verdades da fé e temas evangélicos, vícios e virtudes, sacramentos e oração, obras espirituais e materiais de caridade, ascética e mística. A consideração do destino eterno do homem se estendia à proposta de uma vida cristã exemplar e ardente, que se traduzia em caminhos espirituais orientados para a santificação pessoal e o refinamento da vida cotidiana e social, tendo como pano de fundo uma teologia substancial e uma antropologia cristã refinada.

Um dos exemplos mais eloquentes é fornecido pelos três volumes do jesuíta José Antônio Bordoni, que reúne as meditações oferecidas semanalmente por mais de vinte anos aos irmãos da Companhia da boa morte, que ele estabeleceu na igreja dos Santos Mártires em Turim (1719). A obra foi muito apreciada por sua solidez teológica, por sua forma desprovida de floreados retóricos e por sua riqueza de exemplos concretos, e foi reimpressa dezenas de vezes até o início do século XX.[15] Também ligados ao ambiente religioso de Turim estão os *Discorsi sacri e morali per l'esercizio della buona morte [Discursos sacros e morais para o exercício da boa morte]* – mais marcados pelo gosto da época, mas igualmente sólidos – pregados na segunda metade do século XVIII pelo padre Jorge Maria Rulfo, diretor espiritual da Companhia da Humildade, formada por senhoras da nobreza da Saboia.[16]

A prática proposta por São João Bosco aos alunos do Oratório e das instituições educativas salesianas tinha, portanto, uma sólida tradição espiritual de referência.

(continua)

---

[1] João Bosco. *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*, Turim, Tipografia Salesiana, 1877, 44.

[2] Cf. João Bosco, Regulamento para as casas da Sociedade de São Francisco de Sales, Turim, Tipografia Salesiana, 1877, 63 (parte II, capítulo II, art. 4): “[...] Uma vez por mês o exercício da boa morte será feito por todos, preparando-se para isso com algum sermão ou outro exercício de piedade”.

[3] [João Bosco], Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il Decreto di approvazione del 3 aprile 1874, Torino, Tipografia Salesiana, 1877, 81 (cap. XIII, art. 6). O mesmo foi estabelecido nas Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora, com uma redação muito semelhante: “O primeiro domingo ou a primeira quinta-feira do mês será um dia de retiro espiritual, no qual, deixando, na medida do possível, os assuntos temporais, cada uma se recolherá, fará o exercício da boa morte, arrumando suas coisas espirituais e temporais, como se tivesse que deixar o mundo e ir para a Eternidade. Faça-se alguma leitura de acordo com a necessidade e, onde for possível, a Superiora procure junto ao Diretor um sermão ou uma conferência sobre o assunto”, Regras ou Constituições para as Filhas de Maria Auxiliadora agregadas à Sociedade Salesiana (ed. 1885), Título XVII, art. 5, em João Bosco, Constituições para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1872-1885). Textos críticos editados por Cecilia Romero, Roma, LAS, 1983, 325.

[4] Giovanni Bosco. *Il giovane provveduto per la pratica de’ suoi obblighi degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell’uffizio della Beata Vergine e de principali vespri dell’anno coll aggiunta di una scelta di laudi sacre ecc.*, Torino, Tipografia Paravia e Comp. 1847, 138-142.

[5] Arquivo Salesiano Central. A0000409 *Sermões de Dom Bosco – Exercícios Lanzo 1876*, caderno XX, ms de Júlio Barberis, pp. 10-11.

[6] João Bosco. *Aos Sócios Salesianos, em Regras ou Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales* (ed. 1877), 38.

[7] *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales precedidas de uma introdução escrita pelo fundador São João Bosco*, Turim, Tipografia Salesiana, 1907, 227-231.

[8] *Des. Erasmi Roterodami liber cum primis pius, de praeparatione ad mortem, nunc primum et conscriptus et aeditus..., Basileae*, in officina Frobeniana per Hieronymum Frobenium & Nicolaum Episcopium 1533, 3-80 (Quomodo se quisque debeat praeparare ad mortem). Cf. também *Pro salutari hominis ad felicem mortem praeparatione, hinc inde ex Scriptura sacra, et sanctis, doctis, et christianissimis*

doctoribus, ad cujusdam petitionem, et aliorum etiam utilitatem, a Sacrarum literarum professor Ludovico Bero conscripta et nunc primum edita, Basileae, per Joan. Oporinum, 1549.

[9] Giovanni Bona. *De praeparatione ad mortem...*, Roma, Typographia S. Michaelis ad Ripam per Hieronimum Maynardi, 1736, 11-13.

[10] *Ibid*., 67-73.

[11] *Ibid.*, 74-75.

[12] *Ibid.*, 126-132: “Affectus animae suspirantis ad Paradisum”.

[13] Carlo Ambrogio Cattaneo. *Esercizi spirituali di sant’Ignazio [Exercícios Espirituais de Santo Inácio]*. Trento, per Gianbatista Monauni, 1744, p. 74.

[14] *Esercizio di preparazione alla morte proposto da un religioso della Compagnia di Gesù per indirizzo di chi desidera far bene un tale passo*. Roma, per gl’Eredi del Corbelletti [1650], ff. 3v-6v.

[15] Giuseppe Antonio Bordoni. *Discorsi per l’esercizio della buona morte*. Veneza, na gráfica de Andrea Poletti, 1749-1751, 3 vols.; a edição mais recente é a de Turim de Pietro Marietti em 6 volumes (1904-1905).

[16] Giorgio Maria Rulfo, *Discorsi sacri, e morali per l’esercizio della buona morte*, Torino, presso i librai B. A. Re e G. Rameletti, 1783-1784, 5 vols.